

**Revista de Literatura,
História e Memória**

Literatura e Cultura
na América Latina

ISSN 1809-5313

VOL. 5 - Nº 5 - 2009

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 119-134

HISTÓRIA, LITERATURA E MEMÓRIA EM QUESTÃO DE HONRA

NASCIMENTO, Naira de Almeida (UNIANDRADE – UEPG)

RESUMO: *Questão de Honra* (1996), romance de Domingos Pellegrini, relê um episódio da Guerra do Paraguai, a retirada da Laguna, sob o prisma de Rufino, um tenente das tropas brasileiras atuando em Mato Grosso como engenheiro militar. A relação do romance com a história justifica-se pela revisão da leitura ufanista, normalmente atribuída ao Visconde de Taunay na narrativa *A Retirada da Laguna* (1871). Rufino, soldado não comprometido com o poder imperial, proveniente de uma família sem posses, estaria em condições de contar o outro lado que a história oficial calou. Mas, ao cruzar as imagens de seu oponente, Taunay, ele realiza também uma revisão do autor romântico, desdobrando as outras facetas do garboso oficial. Deste modo, sua leitura inscreve-se também no campo literário. Tudo isto é tecido através do discurso memorialístico. O filho de Rufino, já no fim da vida, retoma antigas notas abandonadas que o pai costumava ditar-lhe nos finais de semana a fim de compor um livro sobre a Guerra do Paraguai. A morte de Rufino, no entanto, desarticula a publicação do volume, relegando ao esquecimento as anotações durante muitas décadas no fundo de uma gaveta.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Domingos Pellegrini; Visconde de Taunay; Guerra do Paraguai; ficção histórica.

ABSTRACT: *Questão de honra* (1996), Domingos Pellegrini's novel, review one episode of Paraguayan War, the Lagune retraite, from the point of view of brazilian Lieutenant Rufino, in his work in Mato Grosso as military engineer. The relation of the novel with the history is justified by patriotic revision, frequently applied to Viscount of Taunay in the narrative *A Retirada da Laguna* (1871). Rufino, a soldier not committed with imperial power, was born in a poor family, has condition to talk other version than that hidden by oficial history. But at the crossing images with your opponent, Taunay, he realize too a revision of the romantic author, unfolding the other faces of the distinguished officer. So, in this way, your reading is insert too in literary field. All of this is shape through the memoirs discourse. The Rufino's son, close to his father death, retake old abandoned notes dictated by your father in weekends, to write a book about Paraguayan War. Rufino's death cancel the volume publication and the notes remained forgotten by many decades.

KEY WORDS: Brazilian literature; Domingos Pellegrini; Viscount of Taunay; Paraguayan War; historical fiction.

A crescente produção romanesca que relê o passado através de uma pluralidade de textos testemunha os laços que unem a pós-modernidade a um sentido da história amplamente desenvolvido, segundo o crítico croata Pavao Pavlicic: "...todos los períodos artísticos se han desarrollado, en lo fundamental, en oposición a la época precedente, mientras que el postmoderno toma en cuenta toda la tradición anterior a él." (PAVLICIC, 1991, p. 65).

Para a pós-modernidade, a necessidade de compreender e assimilar o passado torna-se uma condição para avançar sobre o futuro. Nesse contexto, a intertextualidade, apesar de sua longa existência, assume uma feição distinta. Partindo da consciência de que o passado participa de todo o presente e, em especial, da esfera artística, o pós-moderno acredita que "para que el nuevo texto se entienda, debe tener dentro de sí algo viejo y el lector debe estar entrenado en los viejos textos" (PAVLICIC, 1991, p. 66).

Questão de Honra (1996), de Domingos Pellegrini, expõe desde o subtítulo, "romance intertextual com *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay", o seu objeto de diálogo. A narrativa de 1871 do escritor romântico trata do episódio de mesmo nome ocorrido durante a guerra do Paraguai. O Visconde de Taunay, até então tenente do exército brasileiro, integrado às forças militares que marcharam para o Mato Grosso a fim de responder à invasão paraguaia na fronteira entre os dois países, relata a penosa experiência que conheceu nas doenças ocasionadas pelas condições higiênicas e nas dificuldades climáticas e geográficas o seu mais potente inimigo. Apesar do acento trágico que emana de suas páginas, a obra de Taunay costuma ser associada pela crítica literária e pela memória cultural ao seu caráter ufanista, laureando, assim, a bravura e a constância do soldado brasileiro frente às tropas do fanático presidente paraguaio, Solano Lopez. O juízo é também o do narrador do romance contemporâneo:

Era preciso criar heróis da retirada, como quem tira pão de um forno, para transformar num grande feito de armas aquele fiasco do Império. Um Império de um só país, que tinha demorado dois anos para contra-atacar uma invasão de fronteira, organizando a mais lerda das expedições de guerra que decerto já existiu, e que agora tinha de ser transformada em epopéia. (PELLEGRINI, 1999, p. 10).

Curioso notar que o episódio em si, não tendo uma repercussão direta no curso da guerra, celebrou-se quase que exclusivamente pela narrativa de Taunay. Exceto pelos relatórios militares e por outras obras produzidas sob o impacto daquela de Taunay, quase nenhuma fonte primária se salvou sobre o acontecimento. Se a proposta inicial da obra repousava na justificativa documental, foi através da

sua elaboração que acabou por conquistar território, como depõe mais uma vez o narrador do texto em diálogo: “Um grande escritor da época disse, num artigo de jornal, que a nossa desastrada Coluna do Mato Grosso, com sua absurda estratégia, talvez se justificasse só por gerar um grande escritor e um grande livro...” (PELLEGRINI, 1999, p. 138).

Não obstante o sucesso obtido, entrevistado no seu número de edições, a obra de Taunay foi sendo relegada para um espaço de penumbra. Quase sempre citada dentre a produção do autor, raramente incentivou estudos mais aprofundados. Variados fatores parecem ter concorrido para o seu alijamento, dos quais pode não estar alheio o ostracismo devotado ao autor após a queda da Monarquia, de quem era ardente defensor, tendo inclusive a sua crítica veemente ao novo regime lhe valido a ameaça de extradição.

No entanto, outra razão não deve ser desprezada: a natureza ambígua da narrativa. Comportando diversas aproximações com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como já destacado pela crítica, *A Retirada da Laguna* relaciona-se de forma conflitante com a história e com a literatura, tendo assumido, de resto, uma posição de filho órfão de ambas. Se a historiografia literária a relegou devido em grande parte ao seu caráter documental, extrapolando, assim, o campo ficcional, da historiografia ela também se afasta por critérios metodológicos, como o envolvimento do narrador, e, por que não, pela sua natureza fabulativa.

Se a crítica contribuiu para o esquecimento de uma das obras mais elaboradas de Taunay, a memória cultural manteve acesa a sua lembrança. É nessa equação que se enquadra o depoimento de Domingos Pellegrini quando nos narra o seu contato com a narrativa. Primeiro, no ginásio, através do professor de Ciências, na explicação aos alunos sobre as doenças ocasionadas pela falta de vitaminas. E, anos mais tarde, no Tiro de Guerra, através do sargento que se valia do livro de Taunay como exemplo daqueles soldados para a glória nacional. Pellegrini recorda a antipatia sentida pelo ufanismo militar destacado nas palavras do sargento. Somente algumas décadas mais tarde, o autor travaria contato direto com o texto, que lhe inspiraria o seu próprio romance.

Ainda que não se trate de funções correlatas, a ficção demonstra, assim, a capacidade de se valer das lacunas da historiografia para apresentar não o que foi, mas o que poderia ter sido, ao mesmo tempo que revitaliza o que a historiografia literária não soube ou não pôde reler.

Nossa reflexão pretende centra-se na questão intertextual, ou seja, na(s) maneira(s) como o romance contemporâneo dialoga com a obra do passado. Seguimos a proposta de Pavao Pavlicic, em que o modelo de intertextualidade pós-

moderna é analisado em oposição ao modelo instaurado pela modernidade. Enquanto a última tem em mira a ascensão do “novo”, que só pode ser obtido a partir da ruptura declarada com o passado, a pós-modernidade abraça o passado como sua integrante: “En el modernismo se afirman lo nuevo y la novedad de lo nuevo; en el postmodernismo, lo viejo y la eternidad de lo viejo.” (PAVLICIC, 1991, p. 71). Podemos concluir de antemão que ambos modelos comparecem no romance, proporcionando, contudo, diferentes tomadas de posição. Verifica-se, assim, o duplo diálogo instaurado pelo texto: o diálogo com a história e com a literatura. Duplicidade que converge, por último, no terreno da memória.

A HISTÓRIA

Quando o narrador de *Questão de honra* declara: “Não sou escritor, sou escrevente; um cartorário, só o cidadão especializado em certidões e escrituras, termos e testamentos.” (PELLEGRINI, 1999, p. 5), ele introduz a discussão sobre os dois tipos de escrita em jogo: o documento e a criação. Considerando que o romance relê um acontecimento histórico, a retirada da Laguna, torna-se possível incluí-lo entre os títulos da ficção histórica. O que está em causa então é o diálogo com a historiografia.

A princípio, a construção do romance aproxima-se de uma leitura revisionista, ou seja, o contra-discurso revolveria os aspectos que a história oficial calou. Isso se dá sobretudo na construção das personagens de Taunay e de Rufino. Se o único relato que dispomos sobre a retirada é da lavra do Visconde de Taunay, *Questão de Honra* apresenta-nos um outro relato possível, através de Rufino, também tenente da coluna de Mato Grosso.

No entanto, Taunay e Rufino não são apenas os autores de relatos que mais parecem romances (PELLEGRINI, 1999, p. 6), ambos exercem também a mesma função durante a campanha, como secretários da coluna militar. Ou seja, é deles que depende a versão oficial do comando de guerra. São eles que produzem o documento escrito: “Eu anotava relatório da marcha, que o comandante, aproveitando a parada forçada, ditava com detalhes e com ansiedade, como se ditasse diretamente à História” (PELLEGRINI, 1999, p. 27). Mas Rufino, no início secretário da vanguarda, é preterido em favor do Taunay, pelo seu estilo e visão de mundo, conforme acusa o comandante: “- Enfeite a coisa, enfeite a coisa! O senhor escreve muito seco, tenente Rufino! Quem sabe o Taunay devesse ajudar o senhor?” (PELLEGRINI, 1999, p. 27).

Esta escrita, além de fidedigna, é marcada pelo imediatismo e pelos recursos técnicos, como confirma o filho de Rufino: “Anotei tudo taquigraficamente, pois meu pai desde cedo me fez fazer todos os cursos, da datilografia então nascente até a telegrafia, que me foi ensinada por um velho ferroviário também veterano do Paraguai.” (PELLEGRINI, 1999, p. 6). O filho de Rufino reproduz o ofício do pai. Como cartorário, ele endossa o valor documental, já repassado pelo pai, secretário militar e também cartorário.

Também as coordenadas sócio-culturais contribuem para criar um discurso oposicionista. Rufino, filho de uma ex-escrava com um alfaiate, é destinado contra sua vontade à carreira militar por meio de um coronel, cliente do pai e que se torna seu protetor:

Eu podia responder [por que estava no Exército] que era porque não tinha podido escolher como ele [Taunay], candidato a herói, filho de família rica, com biblioteca em casa; eu apenas quisera um dia aqueles livros todos que vi enfileirados na primeira biblioteca que conheci, e que - por acaso, destino, ordem de Deus - era de um coronel que acabaria me enfiando no Exército à custa de bolsas de estudo.” (PELLEGRINI, 1999, p. 81).

Mulato, de caráter pacifista e proveniente de uma família sem recursos, pouco comprometido com o sucesso da empreitada, Rufino estaria em condições de oferecer uma “história, sem me preocupar com a História.” (PELLEGRINI, 1999, p. 125). As circunstâncias editoriais contribuem para formatar a cisão ideológica entre ambos relatos:

Eu não sabia que Taunay lançaria, dali a meses, o seu *A Retirada da Laguna*, mesmo título do livro que eu também teria quase todo escrito quando saiu o dele. Mas decerto só os títulos coincidiam. *A Retirada da Laguna*, dele, foi escrito em francês e publicado na França, a exibir para as cortes européias, no idioma da moda, a incrível história de uma heróica retirada nos confins do Brasil com o Paraguai. (PELLEGRINI, 1999, p. 11).

As críticas vão desde a formação da coluna que, segundo os cálculos de Rufino, consumiu muito mais em provisões que durante toda a campanha. Também muitos soldados, calçando pela primeira vez um par de botas, não suportariam os pesados calçados e as inúmeras bolhas e optavam por levá-los pendurados no pescoço. Acaba por concluir: “Quanta cena ridícula anotei para meu livro!” (PELLEGRINI, 1999, p. 19).

Desvenda o imobilismo do corpo militar: “A nossa marcha era comandada, na verdade, pelos bois. A tropa tinha de ir na toada da boiada; e, para ter carne para comer adiante, tínhamos de parar uma semana sim, outra não, para os bichos pastarem, enquanto a tropa cuidava dos calos e das feridas.” (PELLEGRINI, 1999, p. 20). Denuncia os saques e as depredações pelos povoados que cruzavam (PELLEGRINI, 1999, p. 22-23) e o lado fétido do cotidiano da coluna, geralmente negligenciado:

Os acampamentos fediam. Por todo lado se topava com latrinas cavadas na terra, urina e estrume de bois, cavalos e cachorros; caldeirões fervendo com buchada ou chouriço, couros amontoados em carretas, para ser (sic) trocados por arroz ou fubá nas fazendas e sítios, como se fossem um novo tipo de moeda [...]. (PELLEGRINI, 1999, p. 23).

Depois da Marcha da Boiada, é a vez da Marcha das Águas: “água no chão, água de chuva, água encharcando tudo...” (PELLEGRINI, 1999, p. 30). O comandante da coluna retratado por Taunay como dominado por um conflito interno, transforma-se no “aparvalhado comandante” (PELLEGRINI, 1999, p. 37). Sem surpreender, a longa e penosa marcha termina num fiasco.

Rufino não desdenha da oportunidade de apontar as incoerências de seu oponente, como nos exemplos em que acusa Taunay que, já professando um discurso abolicionista, mantém um ordenança que se comporta em tudo como um escravo. Não se trata apenas de discursos opostos entre Taunay e Rufino, mas também de caracteres antagônicos. O romance constrói-se a partir do ódio que Rufino devota a Taunay. Taunay acredita nas instituições:

Talvez fosse esta a raiz mais funda de minha antipatia pelo tenente Taunay: ele confiava na Humanidade, na Pátria, no Imperador; no Exército, no Comando, na Bandeira, na Tropa, em Deus e nos anjos – enquanto eu já começava a achar, apenas, que o homem é um bicho ruim. (PELLEGRINI, 1999, p. 35).

Como se não bastasse, ele revela-se, aos olhos de Rufino, como um personagem admiravelmente sedutor. Espírito magnânimo e leal, Taunay sabe divertir a tropa com a narração de “causos”, dedilha bem o violão nas noites junto à fogueira, sempre impecavelmente trajado, montando seu lustroso alazão. Taunay personifica todas as qualidades que Rufino inveja. Tendo perdido a função de secretário militar para o outro, a Rufino escapa também o objeto amoroso, a índia guarani Maria de los Angeles, que acaba se decidindo por Taunay. Enquanto isso, Rufino amarga a triste sina imposta a ele pelo destino.

Ódio tanto mais avassalador quando Rufino recebe de Taunay todas as demonstrações de uma sincera amizade. As tentativas de poupar o 47, a montaria de Rufino, quando a cavalaria já estava reduzida a zero, o aplauso às suas ações firmes durante a retirada, recomendações à comissão de medalheiros que lhe valeriam promoções e uma boa pensão, além do arranjo para que Rufino fosse presenteado ao final da guerra com um cartório no centro do Rio de Janeiro. A generosidade de Taunay atormenta a vida de Rufino: “com boa pensão e depois ótimo cartório, eu passaria a viver com aquela lança no peito.” (PELLEGRINI, 1999, p. 137).

Ressentimento que se mantém ao longo de décadas, ao saber das notícias do outro, tais como o sucesso de *A Retirada da Laguna*, cuja publicação antecedia ao seu sonhado livro, a nomeação como deputado e, depois, senador e, por último, o título de visconde. Enquanto isso, Rufino, já desligado do Exército, mantinha sua vida sem grandes sobressaltos como cartorário. O estigma do fracasso que beira Rufino aproxima-se da covardia com que sempre omitiu o seu juízo sobre a guerra.

Essa tensão que permeia a relação entre Rufino e Taunay é desanuviada pela consciência de Rufino frente ao seu recalque e se dá em forma de confissão. Ao se libertar do recalque, Rufino também remodela a sua leitura da guerra. Da inicial subversão do texto de Taunay, *Questão de Honra* começa a construir o discurso da relatividade. Se, por um lado, Taunay revela a barbárie contida na guerra e que chega a suplantar o caráter ufanista proposto, Rufino admite, em meio a “mais sangrenta e suja das guerras” (PELLEGRINI, 1999, p. 10), os rasgos de heroísmo e de solidariedade daqueles soldados, sobretudo no tenente Taunay.

Desse modo, o que se questiona é a escrita da história, ou seja, a sua natureza construtiva em função das diferentes visões de mundo dos seus narradores:

Quarenta eram nossos, quase duzentos deles, naquela que ficaria conhecida como a Batalha de Nhandipá, a 11 de maio festejada pelo Paraguai como o golpe que empurrou os brasileiros para longe do Paraguai, e festejada pelos brasileiros como vitória pelo número de cadáveres – cada História com sua lógica. (PELLEGRINI, 1999, p. 61).

Sob a pretensão de não transgredirem a “verdade dos fatos”, os narradores elaboram uma leitura própria, enquanto os leitores-narradores das futuras gerações transformam os textos do passado, mesmo sem esse propósito. O filho de Rufino, que transcreve as memórias do pai, depõe: “Os ditados, aos quais acrescentei apenas pontuação...” (PELLEGRINI, 1999, p. 6). No entanto, basta lembrar que até mesmo a citação pressupõe um recorte e, portanto, uma modificação em relação ao contexto original. Da mesma forma, a transcrição das passagens de

Taunay em *Questão de honra*, fazendo-as habitar contextos diferentes, pode levar a interpretações diferenciadas, acirrando ou atenuando pontos de vista.

Ainda assim, o tipo de intertextualidade utilizado predominantemente nesta seção, a fim de criar a subversão diante do primeiro texto, seria a moderna, de acordo com Pavlicic: “*Toda relación intertextual modernista es tal que la nueva obra incluye dentro de sí a la vieja, la rompe por completo y la incrusta en su próprio sistema semántico, de tal manera que de la obra vieja apenas queda algo*” (PAVLICIC, 1991, p. 71). Ou seja, enquanto na intertextualidade pós-moderna o que fica em evidência é o antigo texto, na atitude moderna o antigo texto torna-se objeto de oposição para se lançar os olhos sobre o novo texto. Pavlicic inclusive utiliza a idéia de “objeto” e “sujeito” para classificar, respectivamente, a elaboração da intertextualidade moderna e pós-moderna.

Nesse sentido, a recorrência às passagens citadas d’*A Retirada da Laguna* tem por função primeira, no romance de Domingos Pellegrini, a assunção do discurso revisionista em relação à guerra do Paraguai, assumido nos anos 60 na historiografia e fortalecido na década seguinte através da influência da Teoria da Dependência, o que se evidencia no trecho:

Acontecia que uma pobre nação mestiça, engenhosa e independente, no fundo lutava contra o mundo ao guerrear contra nós: contra a Inglaterra, que nos financiava; contra os espanhóis, que lhes tinham arrasado a nação guarani; contra a Europa e aquela gente branca que tinha invadido não só a terra mas também o sangue paraguaio [...]. (PELLEGRINI, 1999, p. 78).

A quebra da oposição entre os discursos de Taunay e de Rufino vai sendo construída paulatinamente. Primeiro, com a inserção dos trechos de Taunay. O que a princípio funciona como contraste vai aos poucos confluindo para uma única idéia. A inclusão do texto de Taunay é cada vez mais presente. De recessivo, ele passa a dominante. Também Rufino admite que a “essa altura, em Taunay a visão heróica já tinha de disputar com o olho do repórter sem ilusões.” (PELLEGRINI, 1999, p. 88). O ufanismo vai tomando espaço na fala de Rufino, o que é comprovado na incorporação lexical: “Rechaçaram – me pego a usar esses verbos militares [...]” (PELLEGRINI, 1999, p. 79). Chega mesmo a confessar que “[...] a guerra faz bem aos homens” (PELLEGRINI, 1999, p.65).

A atribuição do cargo de oficial responsável pela retaguarda só faz aumentar seu orgulho: “Meu setor... Engraçado também como somos todos vaidosos, e um simples cargo ou título, qualquer responsabilidade, já nos faz valorizar o que antes se depreciava.” (PELLEGRINI, 1999, p. 76). Rufino, como Taunay, tam-

bém desfruta do seu momento de glória, investindo contra um inimigo que ameaçava a ele a ao menino de quem cuidava durante a guerra. Depois de falecido, o filho de Rufino descobre, entre suas pequenas lembranças, duas medalhas nunca citadas: “[...] e só então me dei conta de que meu pai, aquele cartorário que fazia questão de cada carimbo sempre em seu lugar, era um herói de guerra.” (PELLEGRINI, 1999, p. 98).

Do outro lado, Taunay desvela sua faceta sensível quando é obrigado a sacrificar seu cavalo, chorando copiosamente (PELLEGRINI, 1999, p. 91). As coordenadas históricas também modificam a apreensão do conflito entre ambos. Se, a princípio, as notícias recebidas por Rufino sobre Taunay davam conta apenas do seu sucesso político e literário, a instalação da República vai modificar o panorama repentinamente: “Num dia, senador festejado do Império; no dia seguinte, um saudosista ultrapassado.” (PELLEGRINI, 1999, p. 138).

Conclui-se ao final que, apesar do que de mais abominável possa ser a guerra, localizam-se também aí os momentos indelévels vividos pelo sujeito:

[...] hoje, quase trinta anos depois de Taunay ter deitado na terra, e depois de uma vida de fartura e conforto, me vejo com as dores e achaques da velhice e penso, cada vez mais penso, que aquela campanha foi a melhor coisa que fiz na vida. Salvei crianças e mulheres da morte, meu Deus, cumpri meu dever como soldado, ajudando a marcar, com meus pés, uma fronteira nacional. Fui até o fim, quando pensava que não podia dar mais um passo. (PELLEGRINI, 1999, p. 140-141).

A LITERATURA

Diferente da afirmação do cartorário, que prima pelo certidão da palavra, ressalta esta outra vertente que reflete acerca do texto do pai: “[...] creio que, muito mais que um relato militar, é ou parece ser um romance isto que me ditou, com a fluência de quem passara a vida lidando com as palavras e passava a semana escolhendo uma para o ditado de Domingo.” (PELLEGRINI, 1999, p. 6). Domínio que parecia escapar a Rufino: “Não, eu não conhecia, eram livros que cruzavam o oceano a alto custo, e eu vivia de soldo. Também não sabia que aquele conhecimento literário daria a Taunay a ligeireza para escrever seu livro, enquanto eu ficaria meses atolado no meu.” (PELLEGRINI, 1999, p. 69).

A dimensão puramente utilitária, vinculada ao documento, vai sendo contestada pela palavra burilada. Assim, assistimos a uma série de comentários que procuram corrigir o texto alheio e que incluem opções gramaticais, chamadas para

a grafia e para a pontuação. Estas notas aparecem normalmente no rodapé. São de duas ordens. Uma assinada pelo filho de Rufino e que fazem referência ao texto do pai. As outras, pertencem ao editor e dizem respeito ao texto do filho de Rufino, expressão escrita do texto do pai.

Diferentemente do caráter informativo que domina o documento histórico, o texto literário prima pelo envolvimento do leitor. É o que impressiona Rufino em relação ao livro de Taunay, embora não o admita logo de início. Também seu filho acaba preso às teias da narração: "A essa altura, as sessões de ditado com meu pai eram diárias, porque eu sentia a ansiedade dele em encerrar suas lembranças, e eu também estava interessado." (PELLEGRINI, 1999, p. 66).

Deste modo, se o diálogo com a história instaurado pelo romance nos parece pertinente, um outro diálogo que se volta para à questão literária não parece deslocado. Alfredo d'Escragolle Taunay, o visconde de Taunay, apesar das numerosas funções públicas e políticas que exerceu, tem seu nome vinculado hoje quase exclusivamente à literatura e graças sobretudo ao romance *Inocência*, malgrado a extensão da lista de títulos publicados. Ao figurar como um personagem do romance contemporâneo, acreditamos que a reflexão possa se alargar para os domínios da história da literatura.

Considerando, além disso, a natureza ambígua d'*A Retirada da Laguna* já aludida, a escolha de um trecho de Taunay, que expressa a sua angústia como escritor frente à posteridade como epígrafe do romance, e considerando que *Questão de Honra* se vale de pelo menos mais um título de Taunay, ou seja, as *Memórias*, queremos crer que o romance de Pellegrini participa também de um filão da ficção histórica específico, voltado para a historiografia literária, a exemplo da experiência nacional talvez mais radical, o romance *Em Liberdade*, de Silviano Santiago, em relação ao escritor Graciliano Ramos. A apropriação é abordada ironicamente por Rufino: "Parecia personagem de romance falando daquele jeito, como se declamasse num salão. (Eu não sabia que ele seria romancista famoso, autor do consagrado *Inocência*, que acho um tanto maçante; para mim, seu melhor livro é mesmo o que me roubou, *A Retirada da Laguna*.)" (PELLEGRINI, 1999, p. 77).

Diferente da função assumida por *A Retirada da Laguna*, de oposição, o texto das *Memórias* de Taunay incorpora-se harmonicamente ao *Questão de honra*. Percebemos o quanto das *Memórias* está decalcado em seus personagens, como no retrato de Taunay que destaca sua vaidade de maneira até pueril: "Nesse tempo, tinha eu muita vaidade do meu físico, dos meus cabelos encaracolados, do meu porte, muita satisfação, enfim, do meu todo e para tanto concorriam, muito os elogios que recebia à queima-roupa." (TAUNAY, 1948, p. 121).

Também a Maria de los Angeles, disputada por Rufino e Taunay, não deixa de ecoar os traços da índia Antônia, com quem Taunay chegou a viver alguns meses no período da guerra, a quem Taunay tomou de outro oficial. Sua idealização romântica não parece passar muito longe: "Maria tinha os olhos escuros e miúdos dos guaranis, brilhantes como jaboticabas, cabelos também brilhantes de tão negros, mas o sangue também espanhol lhe misturava as feições, além de ser mais clara que a sua raça índia." (PELEGRINI, 1999, p. 27). Já em Taunay, lê-se: "Era Antônia uma bela rapariga [...] Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina [...] cutis fina, tez mais morena desmaiada do que acabocada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes..." (TAUNAY, 1948, p. 201).

Enfim, textos que se entrecruzam sem fronteiras definidas, como a narração da cavalgadura adquirida por Taunay. Em *Questão de honra*, sobrevaloriza-se o efeito do potentoso cavalo branco de Taunay. Ele de fato existiu, só que se tratava de uma égua, D. Branca: "Na estada de Campinas era um dos meus desvanecimentos montar naquele vistoso animal e passar todo ufano, nas tardes propícias, pelas ruas da cidade e sob os olhares das belas." (TAUNAY, 1948, p. 124). Contudo, esta imagem galante dura muito pouco. No dia em que a coluna partia de Campinas, o cavaliço desapareceu levando com ele a égua tortilha. Taunay é obrigado a fazer quase toda a campanha montado no burro Paisandu, episódio que ele mesmo aproveita de forma humorística nas Memórias (TAUNAY, 1948, p. 124-128).

Ainda que apontado pela crítica pelo egocentrismo pueril, as *Memórias* fornecem detalhes para que se vá preenchendo o todo do romance, que comporta até um jogo borgeano. Diz-nos uma nota de pé de página do romance de Pellegrini que Taunay, em suas memórias, teria prestado homenagem ao companheiro, tenente Rufino Francisco de Moura, pelo auxílio dado na cópia da correspondência do Comando, quando nas *Memórias* o nome que figura é o do tenente Amaro Francisco de Moura (TAUNAY, 1999, p. 255).

Contrariamente ao outro tipo de intertextualidade, expresso na forma de citação, em itálico, o intertexto das *Memórias* invade a construção do romance, imiscuindo-se nos diferentes discursos. Como salienta Pavlicic, enquanto a intertextualidade moderna é retórica, ou seja, a eficácia do novo texto depende da sua compreensão, daí que ela seja explícita e ao leitor só caberia aceitá-la, a intertextualidade pós-moderna "no es acabada, sino abierta, y no es manifesta, sino que a menudo incluso está oculta" (PAVLICIC, 1991, p. 85). Como conseqüência dessa operação, o leitor assume uma função diversa: "*Al lector se le propone que participe y que, descubriendo o no esos vínculos, cree su versión de la novela.*" (PAVLICIC, 1991, p. 86).

Mas, se a relação da pós-modernidade com o passado não se faz mais pela oposição e sim pelo entrelaçamento, como já exposto anteriormente, à produção ficcional insere-se uma dificuldade. Ao passo que a preocupação principal do relato historiográfico colocava-se no compromisso de fidelidade, à obra literária cabe a tarefa de inovar, como comprova a angústia do narrador Rufino: “Quando não aceitei lustrar com meu depoimento uma medalha para Taunay, já não tinha motivos para gostar dele, mas ainda não sabia que, com seu livro, ele acabaria matando o meu, que iria parecer simples imitação.” (PELLEGRINI, 1999, p.11). Portanto, é na consciência de que tudo já foi dito e na necessidade de dizer de uma outra forma que se coloca a experiência da pós-modernidade, como sustenta Umberto Eco (1985, p. 56-57).

Não só a caracterização de alguns personagens vai ser tomada às *Memórias*. Ousaríamos mesmo questionar até que ponto Rufino, personagem oponente, não é um duplo de Taunay, cuja vida e obra foram marcadas por ambigüidades flagrantes. Só para ficar em exemplos circunscritos à temática, lembramos que, se Taunay pertenceu a uma influente família de origem nobre, essa mesma família não contava com recursos para oferecer ao filho uma formação superior no ensino civil, advindo daí a sua formação militar, tal como Rufino (TAUNAY, 1948, p. 69). Filho de um pintor que recebia seu soldo do Governo Imperial, a carreira das armas parecia a seus pais a melhor opção para alcançar sua independência.

Se Rufino é traído pelo amor aos livros, também Taunay sonha, na partida para a guerra, com objetivos alheios à carreira militar:

Ao aportar o vapor Santa Maria, às 11 horas do dia 2 de abril de 1865, ao cais da cidade de Santos, era eu já outro, todo cheio de idéia de ir viver bem sobre mim, entregue ao prazer de ver gentes e cidades novas, percorrer grandes extensões e varar até sertões imperfeitamente conhecidos e mal explorados.

Todo o interior do Brasil se abria ante os nossos passos, nada mais nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la [...]. (TAUNAY, 1948, p. 105).

A crítica de Rufino à organização militar parece reduplicar as palavras de Taunay em muitas situações veladas n’*A Retirada da Laguna*, no entanto, explícitas nas *Memórias*. E enfim, a angústia de Rufino para escrever uma obra de valor recupera a dúvida do próprio Taunay em relação a sua produção. Também a amar-

gura de Rufino pode ser sorvida em longos tragos nas *Memórias* de Taunay. Quem ali rememora é sobretudo o homem desiludido com os rumos do país e da sua vida: “Verdade é que a sorte, depois de me ter ajudado alguns anos, transtornou tanto as coisas desta nossa terra, que nela não há mais carreira possível.” (TAUNAY, 1999, p. 121). O pessimismo ainda adensa quando Taunay aceita integrar o exército numa segunda investida contra o Paraguai. Ali, os exemplos do desgosto e despeito do escritor abundam e se aproximam do retrato de Rufino no início do romance.

Uma guerra surda entre os textos, sem desvantagem para nenhum deles, vai sendo travada neste jogo de espelhos. Rufino, o covarde, Taunay, o audacioso, trocam momentaneamente de papéis. Isto se torna flagrante quando o texto de Rufino, a pretexto de esclarecer a verdade dos fatos, distorce o texto referido, como no caso da posição de Taunay no Conselho de Guerra. Se n’*A Retirada da Laguna*, o autor dá a perceber seu voto contrário à invasão do Paraguai (TAUNAY, 1997, p. 63), *Questão de honra* assinala a presunção de Taunay em defender a ofensiva (PELLEGRINI, 1997, p. 40). Em troca, cabe justamente a um Rufino, o capitão Pedro José Rufino, n’*A Retirada da Laguna*, o destaque no ataque da Laguna por sua bravura. Borgeamente mais uma vez, a referência no romance de Domingos Pellegrini parece proposital, visto que, em relação a uma outra citação ao personagem n’*A Retirada...*, Rufino se refira assim: “Em seguida ele [Taunay] cita os nomes de alguns oficiais, na sua visão candidatos a heróis, entre eles até eu.” (PELLEGRINI, 1999, p. 98).

Mas é na vertente reflexiva da obra que esse espectro se torna mais evidente. Constituindo outra característica da pós-modernidade, a intensificação da reflexividade artística, coloca-se no romance sob a forma da *mise en abyme*. Assim, *Questão de honra* narra a construção do relato-romance pelo filho de Rufino, cujo conteúdo são as memórias do seu pai que, por sua vez, resgata a narrativa de Taunay. Taunay reflete-se em Rufino que se corporiza através da escrita do filho inserida na narração de Pellegrini. Desta organização, derivam todos os outros espelhamentos já sugeridos entre os textos envolvidos no romance.

Se a *mise en abyme* pode criar uma ilusão de verossimilhança, no caso do romance de Domingos Pellegrini acaba gerando a impressão de uma eterna reduplicação. E se, estes autores-narradores são também leitores dos textos do passado, não há nada que impeça que a reduplicação alcance também os leitores do romance como co-produtores de outras possíveis construções simbólicas.

A MEMÓRIA

A memória constitui, no romance, o liame que costura os traços da história aos da literatura. É através da memória que se constroem os outros dois tipos de escrita, como já sugere a opção pelos dois livros de Taunay, *A Retirada da Laguna e Memórias*.

O que marca mais fortemente este veio da escrita memorialística é a tentativa de expurgo. Diferentemente da narrativa histórica, perseguindo a verossimilhança, e a narrativa literária, preocupada com a forma e com a sedução do leitor, esta escrita autobiográfica visa à reconciliação do sujeito com o mundo: "Ele escreveu *A Retirada da Laguna*; eu faço a retirada da lança, que seria melhor arrancar eu mesmo escrevendo, se pudesse..." (PELLEGRINI, 1999, p. 15).

Aquela guerra encerra a história de Taunay. Basta para isso considerar a extensão de títulos do autor, das mais diversas espécies, dedicadas ao assunto. Como depõe Antonio Candido: "Daí, também o fato de suas obras mais significativas estarem ligadas à experiência do sertão e da guerra, que elaborou durante toda a vida, sem poder desprender-se do seu fascínio." (CANDIDO, 1971, p. 308). Também para Rufino, a guerra constitui o nó górdio: "[...] cada vez mais penso, que aquela campanha foi a melhor coisa que fiz na vida." (PELLEGRINI, 1999, p. 140). É a partir dela que o fantasma de Taunay vai se alojar na sua vida, sem dar-lhe a oportunidade de redimir-se da culpa carregada por tantas décadas. Perdeu inclusive a última chance para fazê-lo, como narra seu filho:

Há ainda outra foto, apenas do tenente Rufino, montado no 47 comigo menino no colo, e dedicatória datada de um dia antes da morte de Taunay em 1899: Ao tenente Taunay, o afeto do amigo tenente Rufino. Presumo que ele estava disposto a procurar Taunay, quando este morreu, o que talvez tenha enfiado mais fundo a lança, fazendo enfim surgir, anos depois, este relato. (PELLEGRINI, 1999, p. 143).

Para o filho de Rufino, a história não é diversa. Conforme o enredo se aproxima do fim, o redator da história do pai assiste, como em um filme, a sua própria história se desenrolar. Ele é na verdade o menino, filho de Maria, protegido por Rufino durante quase toda a marcha. Após a morte do pai da criança em meio à guerra, Rufino assume a proteção da viúva e de seu filho. O menino viveu seus primeiros anos e cresceu no ambiente da colônia de Mato Grosso. Já em Uberaba, após a guerra, Maria, que esperava um filho de Taunay, falece por uma complicação no parto. O bebê também não resiste, enquanto o menino é adotado por Rufino, conforme o desejo da mãe:

Meu pai sempre me dissera que eu era filho adotivo, sim, mas eu pensava que tivesse sido adotado depois da guerra. Dizia que não conhecia minha mãe, e de repente fiquei sabendo que era a Maria de quem ele tanto falou, a paixão da sua vida, como dizem nas novelas. De certa forma me senti traído, e talvez também por isso demorei tanto a transcrever esta narrativa. (PELLEGRINI, 1999, p. 136).

Por sua vez, a relação entre Rufino e o filho espelha também a de Alfredo Taunay e seu filho, Affonso Taunay, que cultivou a memória do pai através do esforço em reeditar a sua obra, sendo inclusive responsável por uma das principais traduções d'*A Retirada da Laguna* para o português.

Assim, o expurgo e a tentativa de assimilar o passado em suas voltas determinam esta escrita, como ocorre com Rufino: "Ditando com o olhar distante, meu pai fazia pausas longas, parecia estar ainda tentando compreender o que aconteceu." (PELLEGRINI, 1999, p. 71). A *questão de honra*, assumida de início por Rufino como a narração da "verdade dos fatos", transforma-se para todos os narradores envolvidos na trama no compromisso de resgate do passado através do fio memorialístico. Ela também se impôs a Taunay, mesmo tendo determinado que seu conteúdo só viria a público na data do centenário de seu nascimento:

E, a tal respeito, entro agora em dúvida se é de prudência filosófica juntar elementos e recordação, assinalar nos tempos idos pontos mnemônicos como que fincar marcos à beira do caminho andado, a suscitarem um mundo de reminiscências, cujos espinhos nos arranham ou melhor nos pungem, de cada vez que o espírito se demore por um pouco junto deles, reconstituindo, em súbita evocação, cenas inteiras do longínquo passado.

Não será, decerto, melhor deixar-se ir à mercê da corrente e da sorte, aceitando os dias como se apresentem, bons ou maus, sem buscar nunca ligar o momento presente aos sucessos do futuro? Não será preferível esquecer, ver cair o véu do olvido após cada momento? (TAUNAY, 1948, p. 153-154).

Eis por que Rufino só aceita a morte após reconhecer, em forma de relato, sua dívida com Taunay. Também seu filho só consegue se libertar da insônia em idade avançada, quando recupera e transcreve o relato do pai: "Semana a semana, conforme iria aos domingos transcrevendo os cadernos, a insônia iria sumindo, até que cheguei ao ponto final já sem olheiras. Pela primeira vez, tive bom humor para brincar com os netos, era como se renascesse." (PELLEGRINI, 1999, p. 7).

É também na rede de sentidos montada pelo texto que Domingos Pellegrini, sob o impacto da leitura de *A Retirada da Laguna*, escreve seu *Questão de Honra* “em nove dias corridos, como se fosse uma marcha batida, como as marchas da Coluna de Mato Grosso” (PELLEGRINI, 1999, “Autor e obra”). Para ele, não se trata evidentemente de uma memória experimentada da guerra, mas de acessar, através do retorno ao livro de Taunay, uma fatia da sua própria história.

Se a escrita é compulsiva, visto que também Taunay afirma ter escrito *A Retirada da Laguna* em vinte e pouco dias (1948, p. 303), a leitura também o é. Além do exemplo de Pellegrini, Rufino descreve sua experiência com a edição em português do livro de Taunay:

Lembro que comecei a ler numa sexta de manhã, no cartório, e precisaram me avisar da hora do almoço, eu debruçado sobre *A Retirada*. Depois, nem vi quando fecharam as portas no fim do dia, fiquei lendo até que anoiteceu, acendi as luzes, li até o fim naquela mesma noite, e acho que comecei a querer pensar em talvez perdoar Taunay. (PELLEGRINI, 1999, p. 138).

Fios da memória que respondem afirmativamente à inquietação do escritor do século XIX: “...chegarão, porventura, esses dois livros [*Inocência* e *A Retirada da Laguna*] à posteridade? Serão lidos, emergirão do enorme acervo de obras, romances, tratados condenados a eterna escuridade?” (TAUNAY, 1948, p. 161).

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. vol.2. 4.ed. São Paulo: Martins, 1971.
- ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- PAVLICIC, Pavao. La intertextualidad moderna y postmoderna. *Criterios*. Havana, (30): 65-87, jul/dez 1991.
- PELLEGRINI, Domingos. *Questão de honra*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- TAUNAY, Visconde de. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.